



revista  
brasileira  
de estudos  
em dança

## Sobre criar e pesquisar em coletivo: processos formativos tecidos em solidariedades

*De crear e investigar colectivamente:  
procesos formativos tejidos en solidariedades*

Adrienne Ogêda Guedes

Carolina Cony Dariano da Rosa

Luciana da Costa Quintal

GUEDES, Adrienne Ogêda; ROSA, Carolina Cony Dariano da; QUINTAL, Luciana da Costa. Sobre criar e pesquisar em coletivo: processos formativos tecidos em solidariedades. **Revista Brasileira de Estudos em Dança**, v. 2, n. 3, p. 262-280, 2023.



## RESUMO

A pesquisa como processo formativo tem se forjado e se movido diante da lógica das individualidades apartadas e em rivalidade. Para buscar um caminho inverso, como pesquisadoras do corpo, arte e educação, temos insistido em experiências de criação e pesquisa em coletivo. Nesse relato de experiência, apresentamos uma dessas práticas de partilha que têm constituído o grupo de pesquisa a que pertencemos, ligado a uma universidade pública brasileira. A experiência coloca em diálogo cinco pesquisadores interessados pelos campos do corpo, da dança, da educação e da arte, em momentos diferentes de suas investigações. Para esta elaboração, três de nós nos mobilizamos a compartilhar o vivido, apresentando vestígios da pesquisa que deu origem a proposta da mini-residência artística “*Pe(n)sar a pesquisa*” para, em seguida, relatar seu acontecimento e refletir sobre suas ressonâncias. Foi possível reconhecer a importância do coletivo nos processos formativos e criativos em pesquisas que desejam tecer solidariedades.

**PALAVRAS-CHAVE** processos formativos; criação; coletivo; dança; pesquisa.

## RESUMEN

La investigación como proceso formativo se ha forjado y movido frente a la lógica de las individualidades separadas y rivales. Para buscar un camino inverso, como investigadoras del cuerpo, el arte y la educación, hemos insistido en la creación colectiva y las experiencias de investigación. En este relato de experiencia, presentamos una de esas prácticas de intercambio que han constituido el grupo de investigación al que pertenecemos, vinculado a una universidad pública brasileña. La experiencia pone en diálogo a cinco investigadoras interesadas en los campos del cuerpo, la danza, la educación y el arte, en diferentes momentos de sus investigaciones. Para esta elaboración, tres nos movilizamos para compartir lo vivido, presentando rastros de la investigación que dio origen a la propuesta de la mini-residencia artística “*Pe(n)sar a Pesquisa*” para luego relatar su evento y reflexionar sobre sus resonancias. . Fue posible reconocer la importancia del colectivo en los procesos formativos y creativos en investigaciones que desean tejer solidariedades.

**PALABRAS-CLAVE** processs formativos; creación; colectivo; danza; investigación.

# Sobre criar e pesquisar em coletivo: processos formativos tecidos em solidariedades

Adrienne Ogêda Guedes (PPGEdu/UNIRIO) <sup>1</sup>  
Carolina Cony Dariano da Rosa (PPGEdu/UNIRIO) <sup>2</sup>  
Luciana da Costa Quintal (PPGEdu/UNIRIO) <sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> Professora Associada da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), atuando na graduação e no Programa de Pós-Graduação em Educação. Psicóloga (UFRJ), Pedagoga (UCAM), Mestre e doutora em Educação (UFF), Especialista em Alfabetização (UFRJ), Docência do Ensino Superior (UNIRIO) e Educação Infantil (PUC).

<sup>2</sup> Mestra em Educação na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), bolsista FAPERJ Mestrado Nota 10, possui graduação em Licenciatura em Dança pela Faculdade Angel Vianna (2009). Possui formação técnica em teatro no Teatro Escola de Porto Alegre TEPA). Foi professora substituta de dança da Escola de Educação Infantil da UFRJ, (atual Cap). É professora de dança na Escola Casa Monte Alegre.

<sup>3</sup> Mestranda do programa de Pós-Graduação Stricto-Sensu em Educação (PPGEdu/UNIRIO), Pós-Graduada em Língua Portuguesa pela Universidade Veiga de Almeida (2011) e em Língua Latina pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (2011), graduada em Letras - com habilitação em Português/Espanhol pela Universidade Veiga de Almeida (UVA/2009), em Licenciatura em Teatro pelo Centro Universitário Ítalo Brasileiro (Unitalo/2021) e em Licenciatura em Dança pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ/2022).

## Introdução

o mal não está em nós nem fora de nós, nas coisas e nos outros, e sim nos laços que tecemos entre nós e os outros e que nos sufocam. (Merleau-Ponty, 1991, p. 37)

Fomos convencidos, nas tramas silenciosas que enredam nossas subjetividades entramadas pela ideologia neoliberal, que somos indivíduos, capital humano, investimento, destinados a competição mortal em busca da adequação ao modelo de competência, que exclui uns, os *maus* sujeitos sociais (CHAUI, 2022), e premia outros, os competentes, os *bons*. Não há lugar para todos no mercado do sucesso, nos dizem. É preciso ter mérito. É preciso ser melhor do que o outro. O outro é assim, nessa lógica excludente, um inimigo a quem devemos odiar, nos proteger, refugar. Essa lógica, que vai se tecendo no entre nós, se concretiza em modos de relação, em práticas sociais que destroem as solidariedades.

Boff (2017) sinaliza que é urgente resgatarmos o significado antropológico fundamental da solidariedade, que estaria na raiz de nossa hominização e seria anti-sistêmica, pois vai contra o imperante individualista do capitalismo. Para os etno-antropólogos a solidariedade nos fez passar da ordem dos primatas para a ordem dos humanos. Nossos ancestrais antropoides caçavam, buscavam alimentos e traziam-nos ao grupo para comerem em coletivo. Comensalidade como experiência de festejo, de proximidade, de troca mútua e partilha.

A solidariedade implica desse modo na reciprocidade entre todos, em que os seres se constituem em laços de mutualidade e redes de constelações solidárias (GODOY, RIBEIRO, 2021). Para sobreviver, dependemos do cuidado e da solidariedade uns dos outros, nos lembra Boff.

De que modo nossas práticas de pesquisa, criação e partilha tem se forjado e se movido diante dessa lógica das individualidades apartadas e em rivalidade? Como é possível criar

gestos, modos de ser e viver juntos, que possam confluir em rios de partilha e solidariedade? Em que possamos nos dar a ver e nutrir mutuamente? Em que nossas ações não sejam conduzidas pela necessidade de ocultar nossos saberes (pois expô-los é sentido como ameaça, como risco de perda), de ser melhor, de sobrepujar o outro? Temos insistido e persistido em experiências de criação e pesquisa em coletivo. Partilhamos nossos estudos, percursos, ideias, dúvidas, achados. Não é tarefa de simples realização. Há estranhamentos, há deslizes, há desafios. De muitas formas e dimensões. Mas há uma insistência que se expressa em praticar, diuturnamente, partilhar, criar juntos.

Nesse relato de experiência apresentamos uma dessas práticas de partilha em coletivo que têm constituído o grupo de pesquisa a que pertencemos, ligado à uma universidade pública brasileira. A mini-residência artística "*Pe(n)sar a pesquisa*". Mini, porque se deu de forma concentrada em apenas duas manhãs de trabalho, mais concretamente, embora seja um desdobramento de uma pesquisa de mestrado, que à época, estava em andamento, que se colocava em diálogo com outras pesquisas em curso, integram-se assim cinco pesquisadores, em momentos diferentes de suas investigações. Uma, a orientadora da pesquisa, que realizava seu pós-doutorado; outra, uma das propositoras e coordenadora geral da residência, artista da dança, bolsista FAPERJ e mestra em Educação; mais outros três propositores, dois em doutoramento (em países distintos); e uma outra em fase de qualificação de sua pesquisa de mestrado. Nessas investigações, há em comum o interesse pelos campos do corpo, da linguagem, da criação, da dança, da educação e da arte. Para a elaboração deste artigo, três de nós nos mobilizamos a organizar e compartilhar o vivido.

Iniciamos, portanto, apresentando vestígios da pesquisa que deu origem a proposta da mini-residência "*Pe(n)sar a pesquisa*" para, em seguida, relatar seu acontecimento e refletir sobre suas ressonâncias.

## Pesquisar com dança ou como dança?

Como fazer uma pesquisa como dança? Quais perguntas precisam ser feitas e como desviar das respostas assertivas, ou do risco de realizar uma pesquisa *sobre* e não *como*? Uma investigação que parte de um corpo que dança e vivencia o movimento como processo coreográfico e cênico está envolvida em tramas criativas. Na sinuosidade do desejo, cria-se uma pesquisa que dança, que desliza. Desliza, não porque não está fundamentada em algo consistente, mas porque não se fixa em um único lugar ou única forma. Assim, deslizamos também nos sentidos que vão sendo traçados, de maneira sinuosa, não explicativa, envolvidos numa complexa relação de mundos e diferentes maneiras de estar nele.

Elaborar, investigar, pensar, imaginar, referenciar, planejar, experimentar, coreografar, improvisar e apresentar. Modos de criar dança e modos de criar pesquisa se emaranham nos verbos, ações, gestos e indicações de possibilidades inventivas. Dessa forma, elaboramos os encontros entre a dança e a pesquisa acadêmica, envolvendo intimamente o movimento dançado com a escrita. Como a experiência com a dança pode alterar o processo da escrita? Quais as reverberações perceptíveis no ato de escrever, quando nos disponibilizamos a uma experiência sensível através da dança? Como deslizar com as palavras?

A pesquisa vem sendo elaborada a partir do desejo de adentrar no próprio processo de pesquisa, considerando-o, também, um processo formativo e criativo, no qual podemos nos atentar às minúcias do fazer em pesquisa. Ao expor os conflitos, as possibilidades de direções, as elaborações e vontades, que aparecem no percurso de quem está a pesquisar, é possível dar a ver os movimentos intensos em que nos envolvemos enquanto artistas, pesquisadores/as, mergulhados/as nos temas que nos arrebatam em nossos processos formativos de pesquisadores. No caso de uma pesquisa como dança, é interessante pensar que, os caminhos se dão de forma artística, com outras maneiras de

compor e desenvolver uma investigação. Uma epistemologia, que fundamenta a pesquisa não se fixando em conceitos, nem se demorando em explicações, mas deslizando sobre os terrenos férteis das leituras, da arte e do pensamento poético (ANTÔNIO, 2009). A pesquisa nasce assim por meio do movimento dançado, das imagens e das escolhas específicas das palavras, na intenção de criar um texto que seja, também, uma experiência dançante, ou seja, uma experiência poética.

Mas para adentrar numa pesquisa como dança, é preciso buscar na dança, suas próprias reflexões, e para isso se faz necessário a seguinte pergunta: O que é dança? Perceber o peso e deixá-lo desaparecer, mesmo que por um instante fugaz e fictício? Desbravar paisagens no corpo? Inventá-las? Aterrar os pés no solo? Equilibrar e desequilibrar? Improvisar? Rodar a saia e girar sobre o eixo? Sacudir e soltar a musculatura? Ir até o chão? Deslizar sobre ele? Dobrar os joelhos e “requebrar” os quadris? Rebolar? Saltar? Pular? Desafiar-se com o *Tik Tok*<sup>4</sup>? Parar? Sustentar-se nas pontas dos pés? Coreografar? Reverenciar? Ritualizar? Ficcionalizar? Criar textura, volume, história, geometria, ventania, passado, memória, rastro?

Ao tentar responder essas perguntas aparentemente simples, novos caminhos são construídos e, neles, novas visitas se apresentam. Com José Gil nos aventuramos em um caminho investigativo/poético/filosófico com a constatação de que dança é “[...] de início obra de seres que andam e pesam sobre um solo” (GIL, 2004, p. 19). Contemplando essa imagem que Gil nos presentearia, mergulhamos nas possibilidades reflexivas que a dança nos convoca e adentramos na nossa relação com o peso e com o chão. Somos seres terrestres, ligados ao solo através de uma força gravitacional, que nos conecta à terra, permitindo a criação de diversos deslocamentos, ações, vetores de movimentos que resistem a essa força constantemente. Interessamo-nos em investigar a relação dessa força com nossos modos de dançar e pesquisar, convivendo intimamente com o chão, nesse contato que

---

<sup>4</sup> Tik Tok é um aplicativo para compartilhar vídeos, e tem sido usado para criação de pequenas danças que são produzidas e compartilhadas como desafios.

permite infinitas movimentações e ações como: deslizar, empurrar, apoiar, relaxar, rolar. É a partir do elemento *peso*, que nos motivamos a pensar a residência, no desejo de compartilhar o processo de uma pesquisa como dança.

Estirada sobre o solo. No campo do peso, dois corpos se atraem: meu corpo e a terra. A grandeza das massas definidas por essa atração é proporcional ao seu talhe. Meu corpo é atraído pelo corpo da Terra e, infinitesimalmente, inversamente. Pela lei implacável da atração, é acionado na arquitetura dinâmica do corpo um agenciamento “levitário”, esqueleto, músculo, tendões tendem para o movimento. Como aqui e agora eu me deposito sobre o solo e como o solo me carrega? A gravidade não define um enfraquecimento permanente, passivo e absoluto, assim como não implica uma resposta ativa oposta à força da gravidade, mas sua experiência abre o jogo para múltiplas variações. (BARDET, 2014, p. 63)

Com a bailarina e filósofa Marie Bardet, nos entusiasmos com o neologismo *pe(n)sar*, cujo significado une o *peso* ao pensamento: “O encontro entre a dança e a filosofia força a pensar essa experiência sensível da gravidade como ancoragem no mundo, e o pensamento seria, então, força de deslocamento dos conceitos.” (BARDET, 2014, p. 56). Envolto/as por essas reflexões, que pensa o corpo como materialização (*peso* sobre o mundo) do pensamento, a mini residência se inaugura como desejo, prestes a se transformar em ação. Como *pe(n)sar* a pesquisa?

### Como *pe(n)sar* a pesquisa coletivamente?

A presença do corpo na prática do pensamento, pela filosofia da dança (BARDET, 2014), confere *peso* ao pensamento, no sentido em que a presença do corpo se faz por sua relação com o *peso* das suas ações sobre o mundo. Isso nos provoca pensar que – se fazer filosofia é fazer a experiência da realidade – dever-se-ia refinar a imagem do corpo trazida pela própria filosofia, uma vez que quase nunca se trata de pensar o corpo e a dança como um pensamento, objeto de uma filosofia estética, ou mesmo arte. Compreende-se que o debate sobre o corpo ganhou e vem ganhando espaço nas discussões filosóficas, no entanto, a filosofia – que costuma esquecer e negar o corpo, os prazeres, a carne

como aquilo que pesa, em contraponto ao pensamento filosófico que, ao contrário, traz a leveza, esvoaçando levemente no mundo das ideias sérias – deixou suas heranças que interferem até hoje no pensamento como dança.

O corpo e a dança revelam também a metáfora da leveza, incitando, por exemplo, a imagem de uma bailarina na ponta dos pés. A ideia dessa imagem pode ser inspiradora de pensamentos, mas ignora o corpo e a dança como formas de pensar. Numa visão da dança por sua leveza, esta é retratada como uma arte do corpo em que o próprio corpo não se faz presente, quando não é uma negação pura e simples da dança. Nesse sentido, é real observar que se trata de uma arte que não ganha muita atenção dos filósofos, pois, quando a filosofia quer falar da arte, é muito mais fácil encontrarmos a pintura, a literatura ou a música, uma vez que a dança se constitui apenas como referência para a filosofia como forma de elevação, leve, abstrata, metafórica, ou seja, o corpo liberado de seu peso, em todos os sentidos.

A ação de pensar uma pesquisa coletivamente pretende conferir peso ao pensamento, considerando o corpo e a dança como elementos primordiais para pensar uma pesquisa como dança. Parte-se, assim, de uma concepção artístico-filosófica que possa pensar o peso, a leveza, o corpo e o pensamento, reconhecendo na dança modos de fazer, experimentar e, enfim, investigar.

A mini residência artística, é a elaboração de uma prática coletiva que busca na criação do movimento dançado, ferramentas sensíveis para uma escrita performativa, que narra o acontecimento, mas não se fixa nele: elabora, se estende, se alonga, como um corpo que se expande. Voltada para experienciar a pesquisa como dança, ela se fez necessária para ampliar as possibilidades investigativas sobre corpo e pensamento. Como fazer uma pesquisa como dança, sem a vivência com o coletivo? Atentamo-nos pelos acontecimentos que surgem do encontro entre corpos. Daqueles que não são possíveis de prever, porque se dão somente através da experiência com o outro. Dessa forma, planejar a condução de um encontro que seja um convite para agir, com

abertura para o que está por vir exige um certo rigor poético. Como convidar ao movimento e à experiência com a dança?

Partimos de impulsos que mobilizam, primeiramente, das vontades latentes em cada artista pesquisador/a propositor/a, ou seja, conversar sobre nossas pesquisas, vontades e dúvidas é inaugurar um processo coletivo. Programar, planejar, inventar, elaborar um encontro artístico, é também acontecimento. Nesses momentos de elaboração, nos disponibilizamos a uma escuta sobre esses vetores desejanter e, através dessa escuta, fomos compondo proposições ou temas para serem elaborados coletivamente, sobre um chão comum.

Sobre esse chão comum, descobrimos pontos de interesses que se entrelaçam, proporcionando uma dramaturgia que se transforma em uma condução sensível para uma experiência em coletivo. A proposta se deu em dois encontros de quatro horas cada, numa sala de dança da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), na parte da manhã. No primeiro encontro, convidamos uma artista cenógrafa e pesquisadora argentina, de Mar del Plata, em intercâmbio com nosso grupo de pesquisa, para inaugurar a residência. Fomos, então, afetados/as por uma presença que convoca outros modos de estar junto e de comunicar. A artista se comunica intensamente através do corpo, utilizando as palavras somente quando muito necessárias. Um encontro que potencializa o que pode acontecer entre os corpos, entre silêncios e, às vezes, entre os tempos mais alongados de compreensão, por conta das línguas distintas. Mesmo assim, os corpos se comunicavam, agiam juntos e compreendiam os caminhos pela presença, pela gestualidade e pela sensibilização.

A performer e pesquisadora nos apresenta sua pesquisa de modo sensível, trazendo suas elaborações e criações em pesquisa através do conceito de corpo expandido, apresentando uma boneca de pano que representa ela mesma e criada por suas próprias mãos durante o período da pandemia do Covid-19<sup>5</sup>. Seu grito pandêmico, como ela dizia. A partir desse corpo expandido, a

---

<sup>5</sup> Trata-se da Pandemia de Coronavírus, que assolou o país e o mundo, surgindo no final de 2019 e se instalando mais criticamente em 2020 e anos subsequentes.

artista relembra a infância, os cheiros, idiomas aprendidos no tempo de criança e inúmeras experiências de tempos diferentes, nas interações criadas entre ela e a boneca. Vivenciamos um encontro inaugural, repleto de vitalidade e sensibilidade, na medida em que fomos sendo convidadas e convidados a habitar outras formas de criar e pensar.

A boneca, costurada à mão, não possui nem olhos e nem boca para não se contaminar, nos disse a artista. A sua criadora, ao dividir conosco o nascimento da boneca, referiu-se ao isolamento da pandemia e – sem uma palavra – nos fez chorar. O desespero no seu rosto era comum a todos nós, mesmo que por dentro. A boneca tem de 4 a 14 anos, fase da vida que ainda se era criança, antes da menarca que marca/demarca a entrada na vida adulta de uma mulher. Com o corpo expandido pela boneca, é possível à pesquisadora enxergar-se, investigar-se, compreender a si. Ao fim de uma proposta em que preenchemos uma representação desenhada de nossos corpos, compreendemos que a pesquisa convoca a aprofundar esse olhar de si através do corpo de pano de seu corpo expandido.

Certamente as reverberações deixadas pelo primeiro dia de residência, o encontro com a pesquisadora marplatense e sua boneca de pano contribuíram para a realização do segundo dia, num planejamento que permitiu ser transformado pela experiência. Sua fala e suas propostas despertaram nosso olhar sensível às questões de pesquisa, de pesquisadores do corpo. Em primeiro lugar, porque não se pode falar em vida sem considerar que vivemos a solidão do (pós)pandêmico e seus rastros até hoje; porque não se pode falar em pesquisa sobre o corpo sem olhar para o próprio corpo.

O encontro do segundo dia foi dividido em três partes, das quais identificam-se aqui como: prática somática (corpo, movimento, caminhada, espaço, chão); prática coreográfica e lúdica (experimentações corporais, composição coreográfica e escritas de um minuto); prática de escrita (pesar as palavras, leitura, escuta, escrita e expressão poética). No primeiro momento do encontro, o convite foi deitar no chão, vivenciar o corpo em contato com a superfície e sentir seu próprio peso. Quais partes

tocam o chão? Quais partes não tocam o chão? Os movimentos começam com sutileza e leveza, sob a condução poética do artista/pesquisador, designado a inaugurar a prática do segundo encontro. Lembramos das perguntas iniciais: como convidar de maneira sensível ao movimento? A escolha das palavras e o rigor poético com que o artista conduz a vivência, proporciona imagens potentes para a realização dos movimentos, que visam o cuidado. Mover as articulações, para que haja movimento interno dos líquidos, para que a musculatura distensione, para perceber-se no momento do agora, no espaço em que estamos ocupando e perceber os apoios possíveis para alterar a posição, iniciar um contato mais íntimo com o chão, e mergulhar nos movimentos contínuos, que convocam a uma percepção de si, através da mobilidade e da experiência.

Ainda na busca pela intimidade com o chão, na segunda etapa das práticas, mergulhamos numa experiência, que buscou criar aberturas, através de alguns jogos para possíveis acontecimentos coreográficos. Diferente da condução anterior, a prática utilizava palavras/ações para que os/as participantes pudessem vivenciar deslocamentos mais direcionados. Essas direções eram como regras de um jogo em coletivo, no qual todos/todas participantes se guiavam por uma ação mais diretiva. Palavras como: apoiar, empurrar, deslizar, rolar; eram utilizadas como ações coreográficas.

Os corpos alteravam as posições, experimentando diferentes apoios no chão, e logo depois eram convidados a vivenciar a palavra/ação rolar. O grupo se deslocava lentamente, encontrando pessoas no meio do seu percurso em rolamento. Os obstáculos surgiam e, às vezes, impediam o deslocamento que se dava na já conquistada intimidade com o chão: corpos, paredes, portas. Diante desse primeiro impulso coreográfico, compartilha-se com o grupo a primeira regra do jogo: deixar o rolamento acontecer em fluxo, e quando se deparar com algum obstáculo, deixar o toque acontecer, pressionar o corpo contra o outro corpo, parede ou móvel, firmar uma relação de pressão no toque, desistir e retornar. Essa ação foi inspirada na pesquisa de sensorialidade do

movimento, do coreógrafo paulista Cristian Duarte<sup>6</sup>, através do espetáculo “Ó – Um dispositivo de dança”<sup>7</sup>. A peça convida o público a participar, junto aos performers, de uma dramaturgia tátil, conforme explicitado por ele

Cada vez que apresentamos Ó em um contexto, compreendemos um pouco mais porque chamamos sua dramaturgia de tátil. Experimentamos uma conversa com cada espaço que nos acolhe. É junto dele que a criação continua a fazer perguntas para si própria, movimentando suas escolhas do passado para um presente que projeta futuros. Transforma o site em específico ao permitir que corra os riscos de qualquer encontro, seja com pessoas, lugares, coisas ou instituições. E se repousarmos nas perguntas ao invés de tentar respondê-las? (DUARTE, 24/09/2022)

Os fluxos dos rolamentos, quando impedidos pelos outros corpos de continuarem em fluxo, experienciaram um momento de pausa e suspensão. Um novo acontecimento é criado, e com ele, novas possibilidades de movimentos, mesmo que quase invisíveis. A ação de pressionar um corpo contra o outro, causa uma tensão entre os vetores de força, que alteram as presenças, o coletivo e o espaço. Entramos, assim, na dinâmica de jogo coreográfico, que disponibiliza os corpos ao movimento não pré estabelecido, ou seja, não sabemos para onde vamos, nem o que vai acontecer, sabemos de algo quando esse algo acontece, quando vivenciamos os fluxos, as pausas e os encontros.

As regras vão sendo criadas e acrescentadas ao jogo na medida em que ele acontece. Dessa forma, criamos possíveis coreografias efêmeras, que desbravam o espaço, os corpos, os apoios. As possibilidades coreográficas aumentam com as novas regras: desviar do obstáculo, apoiar-se sobre ele, passar por cima dele, juntar-se a ele e ali se demorar. As regras criam desenhos e percursos que alteram a dinâmica dos corpos, aquecendo-os e convidando-os a uma outra maneira de pensar. Um pensamento que desliza, que rola, que se desloca em diferentes superfícies, texturas e velocidades. Corpos em movimento, movimentam o pensamento.

---

<sup>6</sup> Cristian Duarte é um coreógrafo paulista, formado pela P.A.R.T.S (Performing Arts, Research and Training Studios), em Bruxelas.

<sup>7</sup> Espetáculo criado em 2016, dirigido por Cristian Duarte, dentro da pesquisa do minimalismo da dança e a sensorialidade do movimento. Com Aline Bonamin e Felipe Stocco.

De certa forma, criamos um coletivo dançante, que se transforma enquanto se esbarra, se molda, forma e deforma. A proposta de escrita se deu após o jogo coreográfico, através de um exercício de escrita no qual os/as participantes tiveram o tempo de 1 minuto para escreverem as impressões sobre quatro palavras-ações, que consideramos importantes ressaltar: pesar, pensar, deslizar, apoiar. O intuito do jogo de uma escrita rápida, foi o de provocar uma alteração do fluxo do pensamento. Com o tempo restrito, a escrita também pôde ser composta por um movimento fluido, sem muitas pausas para uma reflexão do que foi vivido, mas que pudesse ser uma escrita vívida, afetada pela experiência em fluxo, pelo toque e pela coletividade. A escrita como um gesto contínuo, a escrita como experiência.

### Fragmentos poéticos

Participante 1:

A(pesar) da poeira eu quero o chão,  
aliás, desejo o chão para ter a poeira,  
desejo a poeira para dançar.

Pensar: minha cabeça rasteja como cobra,  
ela vai rasgando o chão em fendas profundas.

Deslizar: escorro por entre os espaços  
e deslizo feito água corrente.  
Sou peixe de mil caudas que navega do rio ao mar

Apoiar: pressiono para subir, me apoio para flutuar,  
voo com o caminhar.  
São meus pés que conversam com o chão  
e que me autorizam a subir.”

Participante 2:

p(mentira) - [(5 milhões de bigornas + o peso da Terra) + 20 trilhões de pedras] x as gotas de água que compõem todos os oceanos da Terra. p(amor) - qual é o peso do infinito?

Participante 3:

pesar ossos de mel no formigueiro das paixões. O peso da minha cabeça abre buraco no chão. caminho para empossar-me junto à gravidade do dia. Pensar pode ser essa trança que cresceu no coro da cabeça, enorme e grande, enorme e grande, pelo chão feito serpente. senti meu cabelo crescendo. Fui ensaiando pequenos desabamentos cotidianos, ao deslizar fora e dentro da pele. A voz o chão esfrega, queima. Um espaço mole para compor um alinhamento. Aninhamos pensamentos. Apoiar no ar coisas densas para brincar de estar fora do eixo. o outro, um contra-peso

de partidas para outro pouso. Mover junto para além de mim, de si. E se?

Ar pesa? Palavra de joelho, palavra de punho, palavra de osso, palavra de unha, palavra que peito, palavra que peito, palavra de pança.

O peso da palavra pó, da palavra poço, do oco, o peso do ovo, é o peso dos inícios? A coisa ainda é mole...

Os escritos foram compartilhados pelo grupo numa roda como um fechamento da segunda experiência. Foi impactante perceber a intensidade poética dos textos depois da vivência com o movimento dançado e as possibilidades coreográficas. As palavras parecem conter corpos, fragmentos de memória da experiência, possibilitando um aprofundamento poético. Elas parecem abrir seus sentidos, porque as imagens puderam transformar-se através do vivido. Como ter memória sem o vivido? E quais tipos de vivências potencializam e sensibilizam a escrita e a pesquisa?

### *Pe(n)sar* corpo e escrita

A palavra *peso* moveu esta vivência sem desconsiderar a escrita e o movimento, o corpo e a palavra, a literatura e a dança, que são por si temas moventes. Fundamentamo-nos, assim, em referências que pudessem pensar o corpo, a dança, o poético e a filosofia. *Pe(n)sar* o corpo como materialidade do pensamento (BARDET, 2014); o substantivo-verbo *corpar*, que é estar sendo no mundo (KATZ, 2021); pensar em lições de chão que atraem mais que coisas celestiais (BARROS, 2010); e toda a palavra bem-vinda que discorre do pensamento poético (MOSE, 2010).

Foi pensada uma prática que pudesse ser carinhosa e sensível com esse momento. Que pudesse, numa prática corporal, acarinhar uns aos outros para amenizar os pesos que a vida tem nos depositado nos ombros; que pudesse pesar os abraços para, assim, sentir o conforto de se estar nos braços do coletivo. Sendo assim, as práticas desse momento foram realizadas a partir de múltiplas perguntas de *peso*, isto é, perguntas que pudessem

explorar a polissemia da palavra: é possível pesar as palavras? O que se pode e o que não se pode pesar? Como se calcula o peso? Qual é a relação entre a massa do corpo, aceleração da gravidade, intensidade, direção e sentido e o peso em nossas vidas? A força com que um corpo é atraído pela terra, chão, pode também ser a força gravitacional à leveza do ser? Como podemos *pesar* nossas palavras, sensações, corpo?

Sendo assim, a prática escrita proposta foi dividida em três momentos, intitulados: 1) “Um peso pesado e Um peso de peso”; 2) “O coletivo em peso”; e 3) “*Pe(n)sar* as palavras”. Tendo em consideração cerca de quarenta minutos a uma hora de duração para a prática, o tempo anterior foi utilizado como observação para remodelar alguns planejamentos, pensados pela experiência. Os materiais utilizados - uma cartolina na cor roxa, uma cartolina na cor azul turquesa, *post-it* coloridos, 24 canetinhas coloridas, fita crepe – foram adornados à sala para aguardar a atividade.

Colados lado a lado, além dos *post-it* e das canetinhas, os cartazes recebiam seus respectivos títulos (“Um peso de peso”, para as palavras positivas, que dão significado ao nosso corpo, matéria que pesa sobre o mundo (BARDET, 2014); e “Um peso pesado” para as palavras de cunho negativo, que pesam à vida, que nos puxam para baixo). Foi feita a leitura de texto escrito, de autoria de uma das pesquisadoras proponentes, que se segue abaixo, para contextualizar e explicitar a proposta da atividade, intitulado “Dois pesos e duas medidas”:

Pe(n)so no peso-palavra substantivo masculino, nascida do latim, paroxitona terminada em -o e, por isso, sem o peso do acento, dissílaba, que carrega pesos literários e figurados, concretos e abstratos, denotativos e conotativos. Peso: palavra polissêmica.

Pe(n)so as significações para a palavra peso: força, queda, corpo pesado, peso avaliado, balanças, corpo suspenso, pressão, carga, autoridade, influência, modalidade, categoria, peso lançado, halteres; o peso do poder, a moeda peso, parâmetro, o peso da carne, grama, quilo, tonelada...

Pe(n)so na positividade do peso coletivo, estar em peso. Penso em pesar mérito, importância valor, força ímpeto... Penso no valor de um nome de peso, um argumento de peso. Penso um peso de peso.

Pe(n)so na negatividade de um peso-carga, um peso de papel, peso morto Má sorte; azar mal-estar, incômodo, aflição, cansaço... Um peso que pesa no corpo: peso nas costas, trapézios, peso no estômago, peso da consciência, estar pesado, ser pesado, sentir-se pesado, um peso para a família, peso bruto, peso líquido, peso da idade, um peso danado: peso pesado. (XXXXX, 26.07.22)

Guiados pelo texto, a explicação e realização da atividade – pedimos aos participantes que escrevessem suas palavras-peso nos cartazes diferenciados por cor, colados lado a lado em uma das paredes da sala – durou cerca de 10 minutos. Ao longo desse processo, foram anotadas algumas palavras-peso para dar continuação à escrita da relatoria poética<sup>8</sup> que se deu ao longo de todo o processo. Em seguida, “O coletivo em peso” propunha abrir uma roda para testar o peso coletivo, tirar o peso das responsabilidades dos corpos, ganhar o peso do abraço, do carinho, do toque. Sentir menos o peso das responsabilidades dos corpos, mais a leveza da liberdade (KUNDERA, 2004).

Primeiro, virar para o participante do lado direito e proporcionar uma manobra de massagem, um alívio de tensão nas costas e trapézios, num movimento de tirar as palavras peso-pesado, como se varresse, com as duas mãos, as costas de quem estava na frente, seguindo o desenho da coluna; depois virar-se para o lado esquerdo e fazer o mesmo. Aquele que faz o toque em quem está na frente também recebe o toque de quem está atrás no grande círculo de afetos. Depois, tanto para a direita, como para a esquerda, abraçar quem está do lado. Sentir o peso do abraço, do contato, do apoio, do outro.

Ainda em círculos, foi pedido que se sentassem. Todos estavam com suas folhas de papel e lápis ou caneta à frente. E então que fechassem os olhos para ouvir um poema, para *pe(n)sar* as palavras. Foi feita a leitura do poema “Toda Palavra” (MOSÉ, 2010). Ao abrir os olhos, os participantes dançaram suas escritas no papel para pesar as palavras. As escritas foram partilhadas em voz alta para *pe(n)sar* nossos corpos-palavras. E a construção poética da nossa relatoria se estendeu.

A relatoria poética, o texto que abaixo se apresenta, buscou relatar processos, vozes e acontecimentos proporcionados pela experiência. Os comandos dos proponentes das práticas corporais, que se destacavam pela imagem e poesia enunciadas, foram registrados, assim como observações das ações e movimentações

---

<sup>8</sup> Relatoria Poética é a forma de escrita que o grupo convencionou chamar para relatar uma experiência, a partir de edição e seleção de falas e acontecimentos, de modo mais poético que descritivo.

geradas pela composição que se formou pela prática e pela roda de escrita, leitura e conversa que se formou ao final. Dessa forma, é possível depreender vestígios da experiência, de uma solidariedade coletiva, de *peso*, pensamento e partilha a que mergulhamos para pe(n)sar o corpo:

Caminhar pela sala, percebendo o ritmo, a fricção com a roupa, o tecido do chão com o tecido dos seus pés. O olhar. Compor o olhar com o cenário e com o outro, alternando figura e fundo. A mão pelo espaço, a mudança de plano, a mudança de figura, os padrões que se repetem. Espreguiçar bem grande a partir do seu corpo como referência. Ancoragem no espaço, mover pelo espaço, o espaço que te move. Fios elásticos que tensionam. Aterramento. Espreguiçar as vísceras, a partir das palavras que estão escritas por lá. Se tiver gostosinho demais, desapega. Ceder ao chão, tocar o chão, conversar com o chão, um grande amigo. Pensamento, memória, tarefa, palavra, imagens, sons. O chão pergunta: quais as partes do seu corpo se movem ou querem se mover? Deixar pesar cascatas e pingos sobre o peito, deixar escorrer as pernas pelo chão.

O corpo ganha verticalidade, os corpos vão ganhando pares, e a experiência vai ganhando voz.

Desfazemos o círculo. Criamos outra relação do peso corporal sobre o chão, contorno, apoios, partes, contato. Soltamos o ar, essa leveza que pesa dentro, e deixamos o corpo esvaziar, num movimento constante de ampliação e esvaziamento. Desfazemos a posição, a postura, atentamos pelo peso que gera o movimento, percurso, memória, encontramos obstáculos, apoios, alteração do caminho e possibilidades. Rolar, encontrar, desviar, fugir, bater e voltar. Ousar, brincar com o ritmo, respirar, parar. Deslizar, puxar, empurrar, pressionar, carimbar, impulsionar, rolar de novo, não demorar, voltar a rolar. Sorrir, sorrir muito, gargalhar.

Ouvimos a música e dançamos pelos mesmos princípios, ações, rolamentos e deslizos. O corpo ganha ritmo, centros, coletivos, uma nova dança. Diagonal de dois a dois que convida a tocar as mãos, a empurrar, a girar, a despedir-se, confrontar, encontrar de novo, encontrar outros corpos, contrapesar, caminhar ombro a ombro, costas, brincar com o contato, com o peso, base para voltar ao chão e empurrar o chão. O peso das palmas. Deixar o peso escorrer. Ousar uma caminhada. Abrir um rodão. Acreditar na força do coletivo. E um puxadão para uma dança livrona com uma música mais tchu tchu tchu. Pausa dramática. Dançamos o chão, a gravidade, os deslizos, dançamos o olhar. Dançamos a escrita da experiência, as escritas de minuto. Dançamos a energia de Helena que pesa nossos corações de amor e nos transporta para a leveza da infância.

Vamos pesar as palavras? Refazemos o círculo. Pesamos as palavras, tirando as de nossos corpos, o racismo, a violência, o poder, o fascismo, a ignorância, o egocentrismo, as palavras não ditas, burocracias, desafetos do autoritarismo, da arrogância e presidenciais, as distopias reais, padrões, não escuta, crueldade...

Pesamos as palavras, nos abraços, experiência, corporeidade, prazer, arte, afetos positivos, reflexão, encontro, amores, processos, união, fé, ninho, respeito, movimento, amorosidade, amar, confiar, acreditar, respirar, ética, silêncio, escuta, atenção, corpo.

Partilhamos palavras, que não seguem sozinhas pelo mundo, mas com o corpo que fala, do aviso que ameaça, mas também cuida, das palavras que dançam e que colorem o momento e o jogo do amor. Partilhamos a inteireza do corpo no chão, o discurso de Helena, colchetes, parênteses, gotas de água, infinitos de tamanhos variados, o peso do mar da Praia de São Conrado num dia de ressaca. Partilhamos o esquentamento do gelo da inércia. Partilhamos o peso e a libertação das palavras, entre pessoas tão queridas. O peso do pó, das cascas de ovo, dos inícios, das toneladas de plumas, dos passos, dos poemas. Partilhamos poeiras, fendas no

chão, pés no chão, a subida, as memórias que pesam, falares e não falares. Partilhamos as mensagens do chão, do prazer e do incômodo, as palavras boas e as palavras-flechas. Partilhamos a dualidade do que precisa ser dito, da palavra peso e do peso da palavra. Partilhamos a necessidade das palavras, o peso bom, o sentir e o fazer sentir, o que está acontecendo e o que já aconteceu, a força do chão. Partilhamos o equilíbrio e o desequilíbrio do corpo, o não encontro das palavras, o peso de pesar e do pesar. Partilhamos carinhos, lágrimas, poemas, o peso das palavras, a pesquisa de pensar pesar o corpo e, principalmente a partilha. (XXXXX, Relatoria Poética, 30/07/2022).

### Considerações finais: as solidariedades tecidas em processos formativos coletivos como dança

No fazer coletivo, nos disponibilizamos a resgatar uma solidariedade, que pode ser fundamento para modos de fazer, distante do modelo da competitividade e dos isolamentos. É possível elaborarmos e compormos ações artísticas e modos de fazer pesquisa, nas quais se abram frestas, que potencializam as diferentes formas de pensar e viver. Acreditamos que, nessas criações coletivas, nas quais mergulhamos e trabalhamos para movimentar e criar essas frestas, a solidariedade se faz presente. *Pe(n)sar* a pesquisa nos convoca a ancorar nossos pensamentos na coletividade, de maneira que nossas ações como artistas/pesquisadores/as estejam abertas aos acontecimentos gerados nos encontros entre os corpos. A experiência nos mobiliza, assim como as partilhas, as escritas coletivas, as conversas e danças. Uma pesquisa como dança é íntima do improviso em dança:

Improvisar é ao mesmo tempo sentir e apresentar, é “apreender”. Apreender é ao mesmo tempo perceber e agir, em um gesto que partilha a percepção com a ação. Improvisar implica, então, apontar sua atenção para a composição já sempre em obra na percepção, cortar e combinar com precisão na multiplicidade daquilo que acontece e que é produzido, e apresentar a ausência ao cortar a carne viva da presença em curso. É supor que ver já é sempre fazer cortes na paisagem e compor, montar esses cortes livres. (BARDET, 2014, p. 169)

“Sentir e apresentar”. “Perceber e agir”. Ações que impulsionam os movimentos improvisados, na medida em que se constrói uma pesquisa, que se faz viva através do movimento dançado. Enquanto mobilizemo-nos através da experiência com o improviso, embarcando no jogo das palavras/ações, criamos

possibilidades de percepção e de ação. Inventamos modos de agir, pensar e pesquisar. Na intimidade com o chão, percebendo nosso peso e contorno, firmamos nossos pensamentos. Nos apropriamos dele, o chão, considerando-o a base que fundamenta nossas ações e pesquisas. Na experiência que acontece sobre esse chão comum, podemos estar juntos/as, *pe(n)sando* coletivamente.

A pesquisa como dança parte de corpos que dançam e vivenciam o movimento envolvido em tramas criativas, numa complexa relação de mundos e diferentes maneiras de estar nele. Com a filósofa Marie Bardet, nos entusiasmos com o neologismo *pe(n)sar*, cujo significado une o *peso* ao pensamento, que pensa o corpo como materialização (peso sobre o mundo) do pensamento, a mini residência se inaugura como desejo, prestes a se transformar em ação.

Esta pesquisa é uma reflexão sobre a valorização da experiência a partir das vozes e pensamentos entrecruzados na solidariedade. Desde o início, a relatoria poética nasce da escuta sensível e parte para a reflexão acadêmica através da valorização da partilha entre pesquisadores, professores e artistas, sempre levando à abertura criativa e à revigoração artística. Voltadas às nossas pesquisas, as experiências aqui relatadas apontam para o sentimento de pertencimento e o exercício da escuta e do diálogo. A relatoria poética, nesse sentido, pinça palavras, pensamentos e expressões que concorrem à pesquisa como dança, tecendo solidariedades sobre criar e pensar em coletivo.

### Referências Bibliográficas

ANTONIO, Severino. Uma nova escuta poética da educação e do conhecimento: diálogos com Prigogine, Morin e outras vozes. São Paulo: Paulus, 2009.

BARDET, Marie. A filosofia da dança: um encontro entre dança e filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

BOFF, Leonardo. *A solidariedade: um paradigma olvidado*. Disponível em: <<https://leonardoboff.org/2017/08/18/a-solidariedade-um-paradigma-olvidado/>>. Acesso em: 18. out. 2022.

BARROS, M. de. Manoel de Barros: poesia completa. São Paulo: Leya, 2010.

CHAUÍ, Marilena. O que é ideologia? Aula aberta do Instituto Conhecimento Liberta, agosto, 2022.

DUARTE, Cristian. Ó - Um dispositivo de dança. Entrevista. TBA - Teatro do Bairro Alto. Publicado em 24/09/2022. Disponível em: <<https://teatrodobairroalto.pt/public/public/espetaculo/o-um-dispositivo-de-danca-cristian-duarte-20220923>>. Acesso em 18. out. 2022.

GIL, José. Movimento Total. São Paulo: Iluminuras, 2004.

GODOY, Rossana; RIBEIRO, Tiago. Chuva de estrelas: entre metáforas e narrativas para sentir/pensar caminhos investigativos desde nossas ancestralidades. *Educação Unisinos* São Leopoldo, v. 25 (2021), p. 1-13, mar. 2021.

MOSÉ, Viviane. Toda palavra. Rio de Janeiro: Record, 2006b.

KATZ, Helena. Corpar – porque corpo também é verbo. In: BASTOS, Helena. Coisas vivas: fluxos que informam. São Paulo: ECA-USP, 2021.

KUNDERA, Milan. A insustentável leveza do ser. Companhia das Letras, 2004.

MARINHO, Ana Carolina. Ó – Um dispositivo de dança. Teatro do Bairro Alto, 2022. Disponível em: <https://teatrodobairroalto.pt/espetaculo/o-um-dispositivo-de-danca-cristian-duarte-20220923/>. Acesso em 23/10/2022.

Recebido em 31/05/2023.  
Aprovado em 19/06/2023.

REALIZAÇÃO



UFRJ

PPGDAN  
UFRJ

*Anda*  
associação nacional de  
pesquisadores em dança